



## LETRAMENTO E ATIVIDADES INSTRUMENTAIS DE VIDA DIÁRIA: UMA EVIDENTE

## LITERACY AND INSTRUMENTAL ACTIVITIES OF DAILY LIVING: AN EVIDENT RELATIONSHIP

eLocation-id: e0034

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/19843178182022e0034>

**Daiane Almeida**

Universidade Feevale  
daianedo@gmail.com - [ORCID](#)

**Lisiane Mengotto**

Universidade Feevale  
lisianeoliveira@feevale.br - [ORCID](#)

**Rosemari Lorenz**

Universidade Feevale  
rosel@feevale.br - [ORCID](#)

Os artigos publicados nesta edição passaram pelo *Plagiarism Detection Software* |  
*iThenticate*

### RESUMO:

O propósito deste artigo é identificar a relação entre letramento e as atividades instrumentais de vida diária (AIVD). O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de cunho bibliográfico, de caráter conceitual, posta em circulação a partir de uma pesquisa de doutorado. Para tanto, utilizaram-se principalmente referências da área da Educação e da Psicologia, que permitiram fomentar a discussão sobre as implicações do letramento na autonomia da pessoa com déficit cognitivo. Os resultados do estudo apontaram que há relação evidente entre as práticas de letramento e o desempenho de tarefas instrumentais de vida diária. A diferenciação entre as AIVDs e as atividades de vida diária (AVDs) são alguns pontos de destaque do presente ensaio. Como qualquer iniciativa de natureza científica, a proposta dessa nova perspectiva apresenta um caráter generalizante, na medida em que se constitui uma ação de caráter amplo e, ao mesmo tempo, específico, que visa oferecer princípios teóricos e diretrizes iniciais para a relação entre práticas de letramento relacionadas ao uso dos instrumentos de vida diária.

**Palavras-chave:** Letramento; Atividades Instrumentais de Vida Diária; Autonomia.

### ABSTRACT:

The purpose of this article is to identify the relationship between literacy and Instrumental Activities of Daily Living (IADL). The study was characterized as a bibliographic research, of a conceptual character put into circulation based on a doctoral research. For this purpose, it was mainly used references from the area of Education and Psychology, which allowed to encourage the discussion about the implications of literacy for the autonomy of the person



with cognitive deficit. The results of the study showed that there is an evident relationship between literacy practices and the performance of instrumental tasks of daily living. The differentiation between IADLs and Activities of Daily Living (ADLs) are some of the highlights of this essay. Like any initiative of a scientific nature, the proposal for this new perspective has a general character, insofar as it constitutes an action of a broad, and at the same time, specific nature, which aims to offer theoretical principles and initial guidelines for the relationship between practices of literacy related to the use of Daily Living Instruments.

**Keywords:** Literacy; Instrumental Activities of Daily Living; Autonomy.

## INTRODUÇÃO

Inúmeras são as discussões acerca do termo letramento. Há teóricos que dividem-no em duas categorias: *autônomo e ideológico*. O letramento autônomo, segundo Tfouni (2010, p. 36), “é visto como causa, tendo como suporte a escolarização”. Suas consequências seriam o desenvolvimento econômico e habilidades cognitivas, como, por exemplo, flexibilidade para mudar de perspectiva. O modelo autônomo sugere que o letramento possibilita diferenciar as “funções lógicas” da linguagem das funções interpessoais e também propõe que todas as aquisições citadas estariam intimamente ligadas com os poderes intrínsecos da escrita, entre os quais se encontrariam as possibilidades de separação entre o sujeito que conhece o objeto conhecido, as habilidades metacognitivas e a capacidade de descontextualização.

Street (2004) propõe o modelo ideológico. Esse modelo preconiza uma prática social baseada nos elementos sociais construídos, não em modelos que utilizam a leitura e a escrita, as quais, para ele, são atreladas a concepções de conhecimento. Em uma perspectiva ampliada, antes de construir uma soma de habilidades intelectuais, o letramento é uma prática cultural, que possibilita ao sujeito apoderar-se de seus conhecimentos e, a partir deles, participar efetivamente como indivíduo dos hábitos e costumes com os quais compactua.

As atividades instrumentais de vida diária (AIVDs) são habilidades pessoais para administrar o ambiente. Elas incluem as seguintes ações: manusear dinheiro, usar o telefone, fazer compras e utilizar os meios de transporte (COSTA et al., 2011). A compreensão das regras sociais, o que confere certo nível de autonomia, é um processo multifatorial e ocorre de forma distinta para cada indivíduo, considerando,



além dos diferentes meios sociais, suas possibilidades cognitivas. Nesse sentido, as habilidades para realizar as atividades instrumentais diárias apresentam-se de formas distintas.

Neste ensaio, letramento é considerado como uma prática social e cultural e, ao considerar a importância da efetivação das práticas sociais de pessoas com déficit cognitivo, buscou-se discutir sobre a contribuição do nível de letramento para o uso e a efetivação das AIVDs. Para tanto, optou-se pela pesquisa bibliográfica em artigos científicos e livros nacionais e internacionais, de autores que abordam a temática. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2002, p.45), “se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto”. Nesse sentido, a questão principal desta pesquisa é: existe relação entre o nível de letramento e o uso das AIVDs da pessoa com déficit cognitivo?

Para responder a essa pergunta de pesquisa, conceitua-se letramento e AIVDs e, por último, foram apresentados elementos que relacionam esses dois constructos.

## **1 LETRAMENTO**

Desde 1940 há, em países de língua Inglesa, tentativas de indicar o grau de “literacy” ou um mínimo de conhecimento de leitura e escrita que possibilitasse ao sujeito operar em espaços dominados por informações escritas. No Brasil, com a chegada de publicações inglesas, na década de 1980, ocorreu a adoção do termo “letramento” na língua portuguesa. Foi Kato quem utilizou, como citação, o termo letramento em produção brasileira pela primeira vez em 1986 (KATO, 1998).

A apropriação do sistema alfabético (leitura e escrita) é um ato contínuo, tendo início, normalmente, na infância, quando a criança passa a integrar o ambiente escolar. Esse processo não se esgota quando o sujeito alcança a alfabetização. Ao contrário, ele continua em contato com informações cada vez mais elaboradas. O novo leitor, sendo um ser social e com capacidade crítica, não deve ser inerte ao que lê, ele deve usar a interpretação e o conhecimento dos fatos para interagir de forma efetiva com a informação lida (SOARES, 1998). Em outras



palavras, o alfabetizado deve ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita em diferentes situações e não apenas ser um exímio codificador/decodificador.

Para que se alcancem níveis elevados de letramento, dois aspectos básicos são necessários: *eventos de letramento* e *práticas de letramento*. O letramento, para Soares (1998), não se refere ao estado de quem sabe ler ou escrever, mas de quem exerce práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas de interação oral. Assim, o uso do termo letramento não se limita à alfabetização, mas envolve habilidades para fazer uso dela. Para ser letrado, não basta saber ler e escrever (SOARES, 1998).

Isso significa que a pessoa pode não ser alfabetizada e ser letrada. O que comprova esse fato é que algumas crianças contam histórias fazendo uso de uma linguagem característica de um conto, envolvendo uma sequência lógica de uma história original mesmo sem conhecer as letras. O contato precoce da criança com diversos tipos de literatura, como contos ou notícias de jornal, mesmo sem dominar leitura ou escrita, configura-se como eventos de letramento, desde que esses eventos sejam explorados e façam sentido para a criança (SOARES, 2018).

Nesse caso, o conceito de letramento complementa o de alfabetização. Da mesma maneira que uma pessoa pode ser alfabetizada e letrada, pode ser alfabetizada e pouco letrada. Isso porque a pessoa pode não conseguir dar conta das demandas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Assim, o ideal é alfabetizar para fins práticos e sociais, fazendo com que o sujeito possa atuar em diversos setores que fazem parte de seu cotidiano (SOARES, 2018).

Essa perspectiva pode ser corroborada a partir de Olson (1999), que concluiu que as práticas relacionadas à leitura e à escrita estão associadas a certo grau de autoridade. Para ele:

o letramento não causa mudança social, modernização ou industrialização. Mas ser capaz de ler e escrever pode ser vital para poder desempenhar certos papéis na sociedade industrializada [...] O que interessa é o que as pessoas fazem com o letramento e não o que o letramento faz com as pessoas (OLSON, 1999, p. 79).



Dessa maneira, acredita-se que as práticas de letramento estejam intimamente ligadas às atividades instrumentais de vida diária (AIVDs), pois o letramento representa o ápice de um processo de aprendizagem e de uso de um saber e as atividades instrumentais típicas da vida diária, de certa forma, são mediadas por esse constructo. Podemos exemplificar isso lembrando que palavras como *agora*, *hoje* e *aqui* possuem diferentes significados dependendo do lugar e da situação em que estão manifestadas. No mesmo sentido, as práticas de leitura e escrita são dinâmicas: mudam em termos de forma e atividade, progridem e se modificam de acordo com as condições sociais. Ponderação importante a esse respeito oferece Orlandi (1988), ao trazer a “imprevisibilidade” e “pluralidade” da leitura. A diferença da leitura comentada por Orlandi (1988) abrange, por exemplo, a questão de como um único texto possibilita diferentes leituras em certos períodos de tempo e não em outros, alguns textos são apreciados e legitimados em diferentes classes sociais e instituições. Certos modos de ler circulam em determinados espaços e não em outros (ler em voz alta ou baixa, para estudar, para ocupar o tempo, para entender a função de algo). Determinadas leituras sofrem seleção por parte de quem lê (jovem, criança, pessoa com rebaixamento cognitivo).

As mudanças tecnológicas que hoje vivemos afetam diretamente o letramento, à medida que requerem do indivíduo diferentes estratégias para se adaptar às demandas que surgem. A natureza dinâmica do letramento suscita uma nova concepção do que significa ser letrado.

A dedução das noções de *letramento autônomo* em contestação ao *letramento ideológico*, sendo compreendido o primeiro como um conhecimento neutro e universal, cuja aquisição produz efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo e social, e o segundo como um posicionamento manifesto ao caráter sociocultural das práticas de letramento e às estruturas da sociedade (STREET, 1993), estimula uma rica discussão sobre a natureza ideológica do letramento. Em razão da relação entre letramento autônomo e ideológico, é importante entender que, mesmo a concepção que se apresenta como neutra (letramento autônomo), esconde concepções culturais e percepções do mundo social, sendo por isso ideológica (OLIVEIRA, 2010).



O entendimento de que as práticas de letramento estão sempre alocadas em contextos culturais tem sido tema recorrente de estudos (STREET, 2001; BAYNHAM, 2004). É claro que o letramento advindo da escola tem sua legitimação e, em razão disso, é visto como uma base para a avaliação do letramento social. Assim sendo, o que se propõe aqui é uma reflexão dirigida ao letramento que se refere ao uso dos instrumentos sociais, à forma imaginativa como ele é abordado quando pensado no cotidiano daqueles que apresentam dificuldades para utilizá-lo de maneira autônoma.

Pesquisadores, tais como Baynham (2004) e Szwed (2001), observam que uma rica variedade de práticas de letramento pode ser percebida em comunidades marginalizadas, situadas em ambientes rurais ou urbanos. Eles sustentam a necessidade de tornar visíveis as práticas de letramento cotidianas em toda sua complexidade. Incluímos, neste sentido, a valorização dessas práticas no que se refere à pessoa com déficit cognitivo. Questão essa que passa a ser entendida como uma prática de ensino aprendizagem mediada, em que a alfabetização por si só não pode resolver problemas que são inerentes à prática social.

Atuar nessa (re)invenção requer a implementação de um programa de letramento que responda às aspirações do grupo a que se destina, oferecendo a ele a possibilidade de usar a leitura e a escrita de forma funcional, ou seja, como um instrumento que permita a resolução de questões cotidianas. Instrumentalizar a pessoa com deficiência intelectual exige engajamento e responsabilidade social, além de habilidade para mediar dentro de seus contextos de vida diária.

## **2 ATIVIDADES INSTRUMENTAIS DE VIDA DIÁRIA**

Diante das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com déficit cognitivo (DC), um dos desafios é proporcionar certo nível de autonomia a esse público, de forma que conquiste o maior grau de independência possível. Nesse contexto, um trabalho voltado à melhoria da qualidade de vida das pessoas com DC deve incluir a compreensão dos aspectos funcionais. Estes envolvem, além da saúde física, a



saúde mental e a capacidade de autocuidado e autogerenciamento, as quais irão revelar o grau de independência funcional da pessoa com DC.

A capacidade funcional pode ser definida como o potencial que o sujeito apresenta para decidir e atuar em sua vida de forma independente em seu cotidiano (FIEDLER & PERES, 2008). E a incapacidade funcional, refere-se à dificuldade ou necessidade de o indivíduo executar tarefas em seu dia a dia (ALVES, LEITE & MACHADO, 2008), abrangendo as atividades de vida diária (AVDs) e as AIVDs.

As AVDs—mensuram a autonomia e a independência, englobando competências relacionadas à execução de tarefas motoras, que uma pessoa precisa realizar para cuidar de si, tais como: tomar banho, vestir-se, ir ao banheiro, andar, comer (COSTA, NAKATANI & BACHION, 2006). Já as habilidades para administrar o ambiente e o meio social em que vive, consideradas mais complexas pois demandam maior carga cognitiva comparada às AVDs, são chamadas de atividades instrumentais de vida diária (AIVDs), que se referem a capacidades como utilizar telefone, fazer compras, utilizar meios de transporte, entre outros (COSTA, et al., 2001). O estudo das AIVDs começou com Lawton e Brody (1969). Os autores elaboraram uma escala para avaliar AIVDs de idosos com oito atividades: preparar refeições, fazer tarefas domésticas, lavar roupas, manusear dinheiro, usar o telefone, tomar medicações, fazer compras e utilizar meios de transporte.

Nesse sentido, ser autônomo, mesmo que não em sua totalidade, está diretamente relacionado à maneira como o indivíduo desempenha as AIVDs em seu contexto social. Isso diz respeito, sobretudo, à forma como o sujeito dá conta de tarefas que permitem a manutenção de sua vida em comunidade, como realizar compras, utilizar o telefone, gerir assuntos econômicos (de acordo com a faixa etária) ou utilizar meios de transporte (IMAGINÁRIO, et al., 2017).

Na literatura, mesmo que a maioria das pesquisas que abordam o tema das AIVDs esteja direcionada ao idoso (BORBA et. al., 2016; FILHO et al., 2013), percebe-se grande relevância quando se pensa nesse construto relacionado à pessoa com dificuldade intelectual. Nesse sentido, restrições quanto à efetivação das atividades sociais contribuem para a dependência e limitam o sujeito como um todo, contribuindo para a falta de estímulo e, conseqüentemente, para a diminuição



do uso de suas capacidades cognitivas inclusive, se pensarmos na população que possui alguma limitação intelectual.

Mello et al. (2012) defendem que a manutenção de atividades no domínio mental permite o aumento da autonomia e promove melhor qualidade de vida. Referem ainda que a não implicação da pessoa em tarefas cotidianas desestimula a atividade mental (MELLO et al., 2012). Dados estes que corroboram para o fato de que a não implicação da pessoa com déficit cognitivo em tarefas da sociedade a conduz ao não reconhecimento ou à não formação da própria identidade, da autoestima, fatores que podem justificar uma maior dependência social. É indicado pela literatura que existem fatores de ordem social que podem afetar o estado cognitivo (PEREIRA, RONCOM e CARVALHO, 2011), em especial, a execução das AIVDs, por apresentarem complexidades mais elevada e parecerem, assim, promover estimulação mental, constituindo-se como fator de manutenção das funções cognitivas.

Ao analisarem o peso de AVDs para explicar o bom desempenho cognitivo, Imaginário et al. (2017) verificaram que a capacidade de realizar AIVDs tem maior peso como preditor da capacidade funcional. A realização das AIVDs favorece a execução das funções mentais, pois coloca o indivíduo frente a situações cuja resolução exige maior nível de conhecimento do funcionamento social (IMAGINÁRIO et al., 2017). Na mesma linha, Zimmermann et al. (2015) referem que restrições na realização de AIVDs contribuem para a diminuição das capacidades cognitivas. Desse modo, estímulos intelectuais e sociais convergem para a manutenção das funções cognitivas.

### **3 ATIVIDADES INSTRUMENTAIS DE VIDA DIÁRIA: IMPLICAÇÕES PARA O LETRAMENTO**

No Brasil, há um campo fértil quando se pensa em pesquisar sobre as AIVDs considerando públicos variados. Uma das características apontadas, em estudos como o de Farias-Antúnez et al., (2018) e Silveira (2016). Para a dificuldade de realização de atividades instrumentais, é o baixo nível de escolaridade, o que



também está associado à baixa capacidade funcional e ao baixo nível de letramento, tornando o sujeito total ou parcialmente dependente, o que afeta sua autonomia e qualidade de vida.

Na literatura, muito se tem falado em AVDs e elas são uma condição de autonomia relacionada, mais especificamente, às questões motoras, tais como locomover-se ou alimentar-se (SILVEIRA, 2016). Pensando no impacto do letramento na vida do sujeito, busca-se uma aproximação com um conceito mais amplo, que faz refletir sobre o uso e o nível de autonomia que tal fenômeno traz para a vida do indivíduo. Nessa perspectiva, cabe pensar tais conquistas e realizações relacionadas às AIVDs.

Lawton e Brody, em 1969, desenvolveram uma escala de AIVD para realizar a avaliação do estado funcional de idosos e relacionaram-na a capacidades mais adaptativas ou necessárias para a vida independente em sociedade, como fazer compras, telefonar, pegar um ônibus, desenvolver tarefas domésticas, fazer uma refeição ou cuidar do próprio dinheiro (LAWTON & BRODY, 1969). Tais tarefas são consideradas mais difíceis e complicadas que as AVDs. Esse instrumento de pesquisa é amplamente utilizado tanto na prática clínica quanto na pesquisa relacionada às AIVDs (GRAF, 2007). Entretanto, o termo *atividades instrumentais* não se resume apenas ao idoso, por se referir à capacidade que todo indivíduo tem de desempenhar tarefas de seu cotidiano.

A escala para mensurar as AIVDs foi desenvolvida pensando em analisar a capacidade funcional da pessoa idosa. Essa pode ser representada pelo uso dos instrumentos e pela capacidade de compreensão sobre si e sobre o ambiente. Nesse sentido, ser autônomo não significa não ser dependente ou ter liberdade absoluta, mas ter a capacidade de lidar com a rede de informações e instrumentos que compõem sua rede de dependências (CAMPOS & CAMPOS, 2012).

As AIVDs são capacidades conquistadas, individuais, contextualizadas, com características facilmente identificáveis e que podem ser mediadas. O uso dos instrumentos, porém, não constitui uma tarefa simples e pura. Conforme atestam estudos, como o de Borba et al. (2016), a habilidade de uso dos instrumentos é



influenciada por aspectos socioculturais, emocionais e neuropsicológicos. Para tanto, é fundamental considerar os componentes que denotam autonomia.

Para avaliar a confiabilidade da escala de AIVDs, desenvolvida por Lawton e Brody, e torná-la aplicável no contexto brasileiro, foi realizado um estudo (LOPES DOS SANTOS & VIRTUOSO JUNIOR, 2008) com idosas de 60 a 89 anos. Os resultados sugerem que tal adaptação é satisfatória para a avaliação funcional, tendo sido validada, assim, a versão brasileira da escala de atividades instrumentais de vida diária.

Considerando tais fatores, a autonomia é um fator decisivo para a transformação da realidade do sujeito enquanto ser social. O processo de amadurecimento implica diversas aquisições e transformações físicas e cognitivas. Uma das consequências desse processo é a evolução da capacidade funcional. O nível de capacidade funcional é definido pela dificuldade do sujeito de executar tarefas básicas ou com maior complexidade de seu dia a dia, essenciais para uma vida independente (ALVES; LEITE & MACHADO, 2008). Na averiguação sobre as principais definições e formas de mensuração da incapacidade funcional, são analisadas as AVDs e também AIVDs.

Nos estudos, em geral (FARÍAS-ANTÚNEZ et al., 2018), as AIVDs são associadas ao idoso. Poucos estudos (OLIVEIRA et al., 2018) relacionam-nas a outros públicos. Por esse motivo, uma discussão mais ampla sobre sua relação com o nível de letramento do sujeito fica moderadamente limitada. As pesquisas, normalmente, fazem uma associação entre a capacidade funcional e quedas. Entretanto, estudos, como o de Farías-Antúnez et al. (2018), apontam como uma das causas que relacionam dificuldade no uso das atividades instrumentais a menor escolaridade, que tem relação direta com a baixa capacidade de letramento dos sujeitos.

Quando se fala em letramento, ainda se percebe um grande desconhecimento do senso comum frente à adoção do conceito e frente à necessidade de entendimento de sua aplicabilidade no cotidiano. Nesse sentido, há uma correspondência entre letramento e uso dos instrumentos, além de haver relações



lógicas como o fato de pesquisas (FARÍAS-ANTÚNEZ et al., 2018) apontarem a baixa escolaridade como uma das justificativas para a inabilidade com os IVDs.

Parece, desse modo, que pensar sobre a questão dos IVDs no contexto social requer, antes de mais nada, compreender o que são os instrumentos e os fenômenos que estão vinculados a esse construto, como, por exemplo, o do letramento, entendido como um fenômeno social e motivado, em alguns casos, pela mediação. Afinal, o que o mediador media e como ele media são consequências da compreensão que ele tem dos fenômenos sociais e do entorno que o envolve e no qual se incluem as pessoas com DI. Diferentes concepções de instrumentos e de letramento resultam em diferentes práticas.

Por um lado, no letramento há um acordo no sentido de que o sujeito domine o maior número de ferramentas de seu cotidiano, a fim de que interaja de modo autônomo em várias esferas sociais. No letramento, no que se refere à pessoa com DI, a intenção é que ela se aproprie do maior número de instrumentos que lhe sejam úteis para interagir com o mundo ou para fazer uso de determinadas práticas que lhe conferem certo grau de autonomia.

É importante salientar que a efetivação dessas práticas no contexto social vai depender das possibilidades e da mediação que cada pessoa recebe. Para uma pessoa, por exemplo, com desenvolvimento típico, o interesse pela leitura e escrita está orientado por propósitos bem específicos: escrever para outra pessoa, solicitar algo por escrito, solicitar seus direitos, fazer reclamações, ler uma conta a pagar, ler a Bíblia entre outros. Já para uma pessoa com deficiência intelectual, o ponto principal são as práticas que abrem possibilidades de interação social, incluindo tarefas básicas como fazer compras, pegar um transporte ou até mesmo fazer uma ligação. Para um público com limitações cognitivas, as práticas de letramento que favorecem o entendimento de mundo mostram-se muito significativas e úteis, à medida que possibilitam a participação em acontecimentos sociais, funcionando como um recurso que eleva a autoestima, dadas as limitações cognitivas. Programas de letramento, nesse sentido, assumem um caráter transformador.

Entendendo-se que os instrumentos são os elementos estruturados da vida social, no letramento, a prática social pode servir como componente orientador para



o uso dos instrumentos. A natureza dos signos coloca em questão: o uso dos IVDs pode ser ensinado? Se pode, que sentido deve-se atribuir à palavra mediação? Se a *mediação* for entendida como *instrução*, é evidente que não se pode ensinar o uso dos instrumentos. O que se mede, nesse sentido, é sua dimensão social - as normas – e fazer isso é proporcionar uma visão do cotidiano. Esse modo de “mediar” com os instrumentos (práticas de letramento) e não para os instrumentos requer inserir o sujeito em uma verdadeira etnografia das práticas sociais e para que o uso dos instrumentos sociais tenha sentido na vida do sujeito, as práticas devem estar atreladas à vida cotidiana. A questão a ser respeitada é que cada indivíduo, único, tem sua própria vida diária.

Tendo como ponto de partida a prática social, a mediação visa auxiliar no entendimento da realidade e em demandas comunicativas de determinados grupos, a partir de ações coletivas. O ensinar e o aprender na mediação dos eventos de letramento se efetivam por meio do trabalho com os IVDs, entendidos como situações da ação humana no mundo – em termos didáticos, o eixo organizador das demandas sociais relacionadas à leitura e escrita.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Letramento e AIVDs são considerados conceitos distintos. Diante disso, este artigo teve como foco principal apresentar elementos que demonstrem relação entre o nível de letramento e as capacidades instrumentais de vida diária, principalmente no que se refere à pessoa com DI apesar de as AIVDs serem, na maioria dos estudos, associadas apenas ao estudo do idoso. Possíveis relações podem e devem ser ampliadas para a população em geral, principalmente para aqueles com alguma limitação cognitiva. Infere-se que programas de intervenção que associam essas duas habilidades possam auxiliar no desenvolvimento desse público, contribuindo para a diminuição da dependência social, independentemente da faixa etária e do nível cognitivo dos sujeitos.

Conclui-se que conceber o uso das AIVDs de pessoas com déficit cognitivo no meio social a partir do nível de letramento é entender o advento da inclusão e da



diversidade social contemporânea. Essa compreensão centra-se na reflexão da relação que se observa entre os eventos de letramento e a execução de tarefas diárias, principalmente, no nível prático, que aponta para a necessidade de ampliar esse conceito para outros contextos. Nesse sentido, defende-se que trabalhar com as AIVDs no contexto do letramento exige compreender essa ideia conforme as variadas tendências teóricas, sua relação com a concepção de letramento e sua articulação com a deficiência intelectual.

Além disso, o que permite a mediação ser compreendida nesse contexto são os eventos de letramento, ou talvez, melhor, os mecanismos que constroem essa prática. Nessa perspectiva, sugerem-se os eventos de letramento como prática que contextualiza a leitura e a escrita, possibilitando abordar as AIVDs não como *fim*, mas como *meio*. Isso corresponde, em outros termos, a ensinar com os instrumentos e não sobre os instrumentos, o que significa considerá-los como elemento organizador da ação de letrar.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana Correia; LEITE, Iúri da Costa; MACHADO, Carla Jorge. Conceituando e mensurando a incapacidade funcional da população idosa: uma revisão de literatura. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1199-1207, jul./ago. 2008.

BAYNHAM, Mike. **Language and Education, School of Education**, Leeds, v. 18, n. 4, p. 285-290, 2004.

BORBA, Miguel Germán. et al. Relación entre deterioro cognoscivo y actividades instrumentales de la vida diaria: Estudio SABE- Bogotá, Colombia. **Acta Neurológica Colombia**.p. 27-34.2016.

CAMPOS, Rosana T. Onocko; CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. *In: CAMPOS, Gastão Wagner de Souza et al. (Orgs.) Tratado de Saúde coletiva*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

COSTA, E.C.; NAKATANI, A.Y.K; BACHION, M.M. Capacidade de idosos da comunidade para desenvolver atividades de vida diária e atividades instrumentais de vida diária. **Actua Paul**. P.43-48. Enfem 2006.

COSTA, Elisa Franco de Assis; et al. **Semiologia do idoso**. In: Porto Arnalda Lemos. *Semiologia médica*. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 165-197. 2011.

FARÍAS-ANTÚNEZ, Simone F. e cols. Incapacidade Funcional para atividades básicas e intrumentais da vida diária: um estudo de base poblacional com adultos idosos de Pelotas,



Rio Grande do Sul, 2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2018.

FIEDLER, M.M.; PERES, K.G. Capacidade funcional e fatores associados em idosos no sul do Brasil: um estudo base populacional. **Cad. Saúde Pública**. 2008.

FILHO, Antônio Macedo Costa.; MAMBRINI, Juliana Vaz Melo.; MALTA, Debora Carvalho.; LIMA-COSTA, Maria.Fernanda & PEIXOTO, Sergio Viana. Contribuição de enfermidades crônicas a la prevalencia de incapacidad em actividades básicas e instrumentales de la vida diaria entre ancianos brasileños: Encuesta Nacional de Salud. **Cad. Saúde Pública**. Fev, 2013.

GIL, A.C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GOMES, Maria de Lourdes Freitas. **Atividades Instrumentais de Vida Diária e risco de quedas em pessoas idosas participates do centro de convivência do idoso no município de Vitória da Conquista-BA. 2018**. Tese (Doutorado em Mediciane e Saúde Humana) – Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde Humana, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2018.

GRAF, Carla. The Lawton Instrumental Activities of Daily Living (IADL) Scale. **The American of journal Nursing**, v. 18, n. 5, p. 315-316, 2007.

IMAGINÁRIO, C; MACHADO,P; ROCHA, M.; ANTUNES, C. & MARTINS, T. Atividades de vida diária como preditores do estado cognitivo em idosos institucionalizados. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde mental*. 43-37. Doi: 1019131/rpesm.0190. 2017.

KATO, Mary Aizawa. A busca da coesão e da coerência na escrita infantil. In: \_\_\_\_\_ (org). **A concepção da escrita pela criança**. Campinas: Pontes, pp.193-2006.

LAWTON, M.Powell; BRODY, Elaine M. Assessment of older peoples: self-maintaining, and instrumental activities of daily living. **The gerontologist**, Londres, v.9, p.86-179.1969.

LOPES DOS SANTOS, Roberto.; VIRTUOSO JUNIOR, Jair Sindra. Confiabilidade da versão Brasileira da Escala de Atividades Instrumentais da vida Diária. **Revista Brasileira em promoção da saúde**, Vol.21, núm. 4.2008.

MELLO, D.M.L BARBOSA, A.J.G. Use of the Mini-Mental State Examination in research on the elderly in Brazil: a sistematic review. **Ciênc Saúde Colet** [ internet]. 2015 [acesso em 20 nov. 2019] Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n12/1413-8123-csc-20-12-3865.pdf>

OLIVEIRA, Ana Augusto Sampaio de. Notas sobre apropriação da escrita por crianças com síndrome de down. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36, p. 337-359, maio/ago. 2010.

OLIVEIRA, Maria Caroline *et al.* Os instrumentos de avaliação de atividades dos membros superiores contemplam as tarefas mais realizadas em domicílio por pessoas com Hemiparesia? **Cadernos Brasileiro de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 26, n. 4, p. 809-827, 2018.



OLSON, David Richard. Literacy and language Development. In: Wagner, Daniel. **Adult Literacy: The next Generation**. London: Educacional Reseacher, 1999. p.21-29

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez. 1988

PEREIRA, M.G.; RONCOM, J. & CARVALHO, H. Aspectos psicológicos e familiares do envelhecimento. In: Z. Azeredo, **O idoso como um todo**. P. 101-130. Viseu: psicoSoma. 2011.

SILVEIRA, Jenifer Rodrigues. **Capacidade Funcional, Atividade de Vida Diária, Atividade Física, Estilo de vida e deteriorização cognitiva de pessoas com Síndrome de Down maiores de 20 anos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Uiversidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

SOARES, Magda Becker. O que é letramento e alfabetização. In: **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998,

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto. 384p. 2018.

STREET, Brian Vincent. **The new literacy studies, guest editorial**. Sussex: University of Sussex. 1993

STREET, Brian Vincent. Literacy and development: ethnographic perspectives on schooling and adult education. In: \_\_\_\_\_. **Literacy and Development: Ethnographic perspectives**. London/New York: Routledg. 2001

STREET, Brian Vincent. **Futures of the ethnography of literacy? Language and Education**, v. 18, n. 4, p. 326-330. 2004

SZWED, John The Etnography of literacy. In: CUSHMAN, E. *et al.* (Eds). **Literacy: a critical soucebook**. Boston: Bedford. p. 421-429. 2001.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ZIMMERMANN, I.M.; LEAL, M.C.C., ZIMMERMANN, R.D.; MARQUES, A.P.O., & GOMES, E.C. Fatores associados ao comprometimento cognitivo em idosos institucionalizados: revisão integrativa. **Revista de enfermagem UFPE** on line, p. 1320-1328. 2015.

**Recebido em**  
**Aprovado em**



Esta revista está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software* | *iThenticate*